

12º CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
IUS GENTIUM CONIMBRIGAE/CENTRO DE DIREITOS HUMANOS
FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**O PAPEL DAS MULHERES
NO PROCESSO DE MANUTENÇÃO DE PAZ
NO TEATRO DE OPERAÇÕES DO
AFEGANISTÃO**

**RITA PERDIGÃO
COIMBRA/JUNHO 2010**

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-CULTURAL / SITUAÇÃO POLÍTICO-MILITAR ACTUAL DO AFGANISTÃO.....	6
3. COMO VÊ O AFGANISTÃO AS MULHERES (CIVIS E MILITARES) QUE INTEGRAM OS PROCESSOS DE PAZ.....	9
4. IMPORTÂNCIA DO PAPEL DAS MULHERES NO SUCESSO DAS OPERAÇÕES DE MANUTENÇÃO DE PAZ.....	17
5. APOIO ESPECÍFICO, CONDIÇÕES, INCENTIVOS... PARA AS MULHERES ADERIREM A ESTES PROJECTOS.....	26
6. CONCLUSÃO.....	29
7. BIBLIOGRAFIA.....	31

1. INTRODUÇÃO

O intuito de realização deste ensaio prende-se com a necessidade de indagar, concretamente, qual é o papel das mulheres nos processos de manutenção de paz em teatros de operações, no caso específico do Afeganistão.

Pretende-se aqui reflectir sobre a relevância do papel das mulheres nos processos de paz. Em que medida o seu papel é determinante. De que forma ele se desenvolve. Como actuam as mulheres em teatro de operações. Que diferenças possui a sua actuação da intervenção masculina. Como é que as mulheres, que naturalmente são mães e educadoras, podem influenciar positivamente no alcance do sucesso das missões – a obtenção de uma paz sólida e consistente.

Em concreto tratar-se-á apenas deste tema sob a perspectiva da realidade existente no teatro de operações do Afeganistão, bem como de todos os condicionalismos a ela associada.

Para abordar o tema iniciar-se-á com uma pequena viagem pela história e cultura daquele território, de modo a integrar e enquadrar-se o que aqui será tratado.

Torna-se também determinante, num trabalho como o presente, perceber a forma como aquele país encara a intervenção das mulheres (civis e militares) no processo de reconstrução da sua paz. Será que encaram positivamente esta questão? Perceberão a necessidade de existência de mulheres nestas questões? Estarão os Afegãos, juntamente com a sua cultura própria e singular, preparados para a existência constante e interventiva no seu território, ainda que o objectivo da comunidade internacional, mormente, as mulheres, seja apenas auxiliar nos processos de manutenção de paz?

Que relevância efectivamente possuem as mulheres nos processos de manutenção de paz em teatros de operações? Em que medida o seu papel é determinante para a efectivação da paz? Como vê a Comunidade Internacional esta questão?

Afigura-se ainda indispensável entender, no quadro actual, que tipo de apoio existe para a integração de mulheres nos teatros de operações. Que mecanismos de suporte existem. Em que condições integram as mulheres as missões de paz. Que incentivos lhes são concedidos (monetários, profissionais, etc.). Como se convence uma mulher a abandonar o seu país, a sua família, o seu conforto para incorporar em missões que lhe trarão ansiedade, angústia distância dos seus, problemas diários e constantes, realidades adversas e cruéis, perigo de vida até?

Enquadramento Conceptual - As políticas de género nas Operações de Paz

A temática do género nas operações de paz foi encarada numa dimensão internacional há bem pouco tempo. Porém, actualmente, a questão do género constitui-se como uma dimensão bastante importante.

Podemos apontar alguns aspectos essenciais, que se revelaram determinantes para o surgimento da questão do género, no seio das políticas internacionais: desde logo, a forma como os conflitos armados afectam concreta e particularmente as mulheres; o facto dos direitos humanos se terem tornado, nos últimos anos, num dos temas mais proeminentes na comunidade e na política internacionais; a própria natureza dos conflitos armados; assim como, o papel das mulheres, quer nos conflitos armados, quer no período pós-bélico.

A *NATO Committee on Gender Perspectives* constitui um dos mecanismos daquela organização que tem a incumbência de colocar em prática as políticas de género, no âmbito das Forças Armadas da Aliança. Este Comité promove a *gender mainstreaming*, elaborando estratégias que permitam conseguir que

as mulheres tenham iguais oportunidades, face aos homens, no âmbito das políticas, programas e operações militares.

É certo que as operações militares, cada vez mais, requerem uma enorme diversidade de qualificações para se atingir o sucesso nas missões de manutenção da paz e da segurança. No entanto, segundo as políticas deste Comité, a complementaridade do papel de homens e mulheres nos teatros de operações constitui, sem qualquer margem para dúvida, um factor essencial no sucesso das operações da NATO. Além do que, defende-se também que a integração da perspectiva do género no relacionamento cívico-militar, nas relações públicas, bem como na recolha de informações, cada vez mais complexas, só poderá trazer vantagens.¹

O MC 0249/2, *The NATO Committee on Gender perspective (NCGP)*², foi aprovado em 20 de Maio de 2009, consistindo na decisão final daquele comité quanto às políticas de género daquela organização.

Em Setembro de 2009, a NATO aprovou a *Bi-SC Directive 40-1 – Integrating UNSCR 1325 and gender perspectives in the NATO command structure including measures for protection during armed conflict*³, lançando assim mão de um conjunto de medidas e elencando uma série de princípios a observar, com intuito de se alcançar a igualdade de género entre homens e mulheres, nomeadamente, no âmbito de Teatro de operações em que ocorram missões da NATO.

¹ www.nato.int (31-05-10)

² www.nato.int (16-06-10)

³ www.nato.int (16-06-10)

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-CULTURAL / SITUAÇÃO POLÍTICO-MILITAR ACTUAL DO AFGANISTÃO

Para o objectivo proposto, interessa desde já tecer algumas considerações sobre o enquadramento histórico, cultural, geográfico, bem como debruçarmos um pouco relativamente à situação político-militar do Afeganistão, para mais facilmente se poder alcançar a relevância plena do propósito do presente tema.

Cabul é a capital do Afeganistão, um país localizado na Ásia Central, que não faz fronteira com o mar, fazendo porém fronteira com: o Irão, o Turquemenistão, o Uzbequistão, o Tadjiquistão, a China e o Paquistão. É portanto um país demasiado interior, na medida em que se encontra cercado por uma imensa extensão de culturas, etnias e regimes políticos.

Geopoliticamente, encontra-se dividido em 32 províncias, que se subdividem em 329 distritos providenciais. Mas, se ao seu redor existem diversas situações culturais e sociais, o seu interior não é muito diferente... Pois esta divisão geográfica conjuga-se com uma enorme divisão étnica, bastante complexa. Assim, no Afeganistão contamos como principais etnias com os *Pashtuns*, os *Tadjiques*, os *Hazaras*, bem como com outros grupos menores como os *Quirquizes*, os *Balouches*, os *Nouristanis*, os *Paramiris*, entre outros. Esta diversidade étnica, que se relaciona intimamente com a religião neste território, tem constituído mais um factor de insegurança e perturbação nacional (Baptista: 2006).

Além do mais, este território caracteriza-se por um clima agreste, tendo em conta que as amplitudes térmicas daquele país oscilam entre os -30º e os 40º.

Também as condicionantes económicas se revelam de suma importância na compreensão geopolítica de um país. E o Afeganistão não constitui uma excepção à regra. Por conseguinte, parece pertinente salientar-se que este território constitui um dos países mais pobres do mundo – é essencialmente agrícola, mas uma agricultura muito rudimentar e simples; encontra-se completamente devastado nas suas infra-estruturas, devido às guerras de que

tem sido alvo; é economicamente dependente da ajuda internacional, de acordo com o *Report of the UN Secretary-General to the General Assembly Security Council*, de 2004, a Comunidade Internacional contribui com 8. 2 bilhões de dólares, entre 2004 e 2007, para a efectivação da reconstrução daquele país; a produção e tráfico de droga constituem uma enorme percentagem à escala mundial, o que causa graves problemas quanto a economias paralelas e todos os problemas a ela associados (Baptista: 2006).

A dimensão política do Afeganistão também não se afigura positiva, porquanto num país cujas guerras têm marcado os últimos trinta anos, as instituições do Estado estão destruídas, os sistemas políticos descredibilizados pela população, é um país sem experiência democrática substantiva (Lorena: 2004). Aqui a edificação do ordenamento jurídico é uma peça chave na reconstrução deste país, porque é orientadora e transmissora de segurança a pessoas e instituições. É essencial o surgimento de mecanismos e instrumentos jurídicos orientadores dos princípios democrático-políticos. Mas a que se deve toda esta conflitualidade política? Ela não advém apenas das condições geopolíticas nem culturais. Na verdade, o Afeganistão foi já ocupado por diversos povos, o que sempre foi resultado de lutas, disputas e culturas diversas. Persas, gregos, árabes, russos, ingleses, entre outros, foram povos que disputaram o domínio daquele território. Estas disputas têm tido as mais diversas características: intra-estatais, inter-estatais, guerras religiosas, culturais, étnicas.

Destaquemos apenas as últimas e mais relevantes tensões ocorridas no Afeganistão.

Em 1978, uma revolução derrubou o governo existente e deu início a um regime de inspiração soviética. Em 27 de Dezembro de 1979, as tropas do Exército Vermelho entram no Afeganistão, ocorrendo a invasão soviética, que durou cerca de oito anos.

Após este conflito, um outro surgiu entre o regime comunista local e as forças da guerrilha afegã, caracterizando-se como uma luta ideológica entre o comunismo e o fundamentalismo islâmico.

Posteriormente, pôde observar-se uma guerra civil entre várias facções afegãs da Aliança do Norte.

Ainda de salientar a ocorrência de uma guerra religiosa, em que os Taliban tentaram implementar um regime radical, com base numa versão arcaica e primitiva da religião islâmica.

Por último, mas não menos importante, uma outra referência importante não pode deixar de ser feita: a guerra encetada pelos Estados Unidos da América, no Pós 11 de Setembro, na luta contra o terrorismo internacional. Após o atentado às torres gémeas, iniciou-se a 'cruzada Bush' com vista a capturar o líder da *Al-Qaeda*, *Osama Bin Laden*, a quem os atentados foram atribuídos. Foi então iniciado um bombardeamento a posições militares afegãs, com intuito de caçar e prender os terroristas e que se transformou numa das piores guerras da nossa existência (Baptista: 2006)..

A complexidade de todas as condicionantes acabadas de referir tem contribuído, de forma determinante, para a instabilidade e insegurança, para a guerra e para a desconfiança daquele povo, daquele território. É devido a todos estes factores que o Afeganistão se tornou nos últimos anos num dos principais países em que a intervenção da Comunidade Internacional, com os seus instrumentos e mecanismos é mais requerida.

Mas será que a sua actuação tem sido a mais correcta? Com todos estes condicionalismos, de que forma é que o Afeganistão, com toda a sua multiplicidade de culturas e etnias, encarará a intervenção de mulheres nos processos de manutenção de paz?

3. COMO VÊ O AFGANISTÃO AS MULHERES (CIVIS E MILITARES) QUE INTEGRAM OS PROCESSOS DE PAZ

"It is not possible to impose a language of politics developed within First World contexts on women who are facing the threat of imperialist economic exploitation and cultural obliteration".

Butler, in Gender in Afghanistan: pragmatic activism⁴

O tema proposto neste capítulo revelou-se tarefa bastante complexa. Pouco há escrito sobre o assunto, o que tornou a pesquisa bibliográfica num trabalho árduo e pouco frutífero. Ainda assim, e com os poucos textos de apoio encontrados, tentar-se-á mostrar a forma como o povo Afegão encara a participação das mulheres, sejam elas civis ou militares, que tem vindo a integrar os processos de paz naquela região.

A sociedade afegã é muito consistente nas suas atitudes subjacentes aos princípios das políticas de género. Sucede que, a aplicação de tais princípios varia de grupo para grupo. Por exemplo, as regras do islamismo são elas mesmas sujeitas a diversas interpretações. Entre reformistas, islamistas e ultraconservadores, cada um possui uma interpretação própria do islamismo.

Daí resulta que, à excepção de Cabul, onde as mulheres têm já mais espaço para assumir papéis na vida pública, defende-se a *jihad* (luta) contra a invasão ideológica e militar. Entende-se, que, se as mulheres estiverem envolvidas na vida pública da sociedade, tal facto poderá gerar a anarquia sexual, o que implicará a ruptura completa da sociedade e dos seus valores fundamentais⁵. Este fundamentalismo agravou-se com o surgimento do regime Taliban. O povo afegão acredita que as diferenças entre homens e mulheres existem e que essas diferenças devem manter-se e ser reconhecidas como modelos de

⁴ <http://www.opendemocracy.net/deniz-kandiyoti/gender-in-afghanistan-pragmatic-activism>, (20-06-10).

⁵ http://www.womenhistory.about.com/library/ency/blwh_ghanistan_gender_roles.htm, (04-06-10)

comportamento social, vendo a mulher como um símbolo de honra, que deve ser controlado e protegido com vista a manter a moral (Lewis, s.d.).

Assim, as actividades da mulher afegã devem confinar-se ao espaço do lar, devendo evitar-se o seu acesso à educação e ao emprego. O conservadorismo masculino dos homens afegãos postula que as mulheres devem ter recatar-se no interior do lar de forma a não se colocar em causa a ordem social. São condenadas e discriminadas socialmente todas as mulheres que assim não se comportem, pois o principal objectivo das mulheres afegãs tem de ser o casamento, de onde deverão resultar vários filhos. Só assim se podendo preservar e manter os valores religiosos, morais e sociais vigentes naquela população (Lewis, s.d.).⁶

No entanto, surgem-nos relatos como este: *“These women want to go to college,” she says, talking about a trip earlier this year to an Afghan women’s school in Kabul. “It is their way of expressing that they want to contribute more. I feel like we can help them achieve that. I think seeing us serving in the military shows both the men and women that everyone can contribute.”*⁷

Considerando a posição sociocultural afegã, sobre o papel das mulheres, conjugada com o que esta militar americana nos relata, parece verificar-se que no Afeganistão a intervenção de mulheres nas operações de paz não será muito bem acolhida.

Para aquele povo, a mulher deve ter uma postura mais recatada, deve ser claramente controlada pelos homens e não deve interferir na esfera pública.

Contudo, sabemos que a intervenção das mulheres nestes processos é determinante, como se demonstrará mais pormenorizadamente à frente. Por enquanto, voltemos à Angela Aaron.

⁶ http://www.womenhistory.about.com/library/ency/blwh_ghanistan_gender_roles.htm, (04-06-10)

⁷ Army Sergeant, Angela Aaron, ISAF, USA element, Boosting women’s role in peace and security, Agosto 2009, in www.nato.int

“Female military personnel can be very valuable at checkpoints and search operations, where they can perform any required searches on local women, for illegal weapons for example. Also, female victims of violence often find it easier to approach and talk to other women”⁸.

Este excerto permite-nos, desde já, alcançar a relevância das mulheres nos Teatros de Operações, nomeadamente, no Afeganistão. Tendo em conta a cultura afegã, as acções relatadas por Angela Aaron seriam bastante mais difíceis se executadas por homens, uma vez que não são bem vistas as relações e interacções entre forças externas (civis ou militares) e as mulheres afegãs, muito menos, se estas relações e interacções forem levadas a cabo por homens, o que contenderá necessariamente com os valores morais e religiosos defendidos no Afeganistão, obstando certamente ao cumprimento dos objectivos militares.

No artigo citado, e no sentido do que acaba de dizer, pode ler-se também que *“NATO is also making efforts to involve more local women in peacemaking and peace-building efforts, because understanding local culture and integrating different perspectives on women’s rights is crucial to lasting stability”⁹.*

Efectivamente, com vista a não ferir a cultura afegã, e não nos esquecendo que a Comunidade Internacional está no Afeganistão para ajudar na construção e manutenção de paz, é fundamental o envolvimento de mais mulheres.

Ainda no mesmo artigo, nas palavras do Coronel Annicq Bergmans, ainda que estando este a referir-se ao caso específico do Kosovo, mas tendo em conta que o mesmo se verifica também no Afeganistão, porém de forma ainda mais acentuada, lemos que *“To move negotiations forward with the male villagers, sometimes we needed to involve and convince female villagers, because they held the power behind the scenes.”¹⁰* Ou seja, a permanência de mulheres nos

⁸ Boosting women’s role in peace and security, Agosto 2009, in www.nato.int

⁹ Boosting women’s role in peace and security, Agosto 2009, in www.nato.int

¹⁰ Colonel Annicq Bergmans former chairperson of the Committee on Women in the NATO Forces, speaks of the experience of peacekeeping in Kosovo, Boosting women’s role in peace and security, Agosto 2009, in www.nato.int

Teatros de Operações constitui um excelente auxílio no terreno, nas negociações e abordagens que têm de ser feitas junto das populações locais, para se obter o sucesso das missões a que se propuseram.

“Afghanistan is a clear example. It may seem far away to you. And when you read about so many of your soldiers losing their lives there, you might legitimately ask why what we’re doing over there matters to your security back here (...)It matters because that part of the world had become, until the Taliban was toppled, the Grand Central Station of international terrorism. Those terrorists weren’t just behind the attacks of 9/11. The UK Government has stated publicly that the majority of terror threats in the UK even today have their origin in that part of the world. Giving terrorism a free ride over there would mean increasing the threat to our airports, our metros and our streets. That matters. (...)So does the effects of the drugs coming out of Afghanistan. 90% of the heroin in Europe – including this city - comes from Afghanistan, principally from the area controlled by the Taliban. Globally, 100,000 people a year die from that heroin. The cost in lives, in broken homes, in addiction and in law enforcement is huge. All of which is why insecurity in Afghanistan means insecurity for us as well. Whether we like it or not.”¹¹

Através deste fragmento do discurso do Secretário-Geral da NATO, Anders Fogh Rasmussen, fica claro que a importância da manutenção de paz no Afeganistão não é uma questão que releve apenas para os afegãos nem para os seus vizinhos mais próximos. É uma questão que interessa ao mundo. No momento em que a situação estiver controlada no Afeganistão e a paz for obtida, o mundo ficará mais seguro, pois estarão controlados muitos dos problemas que dali saem e afectam a Comunidade Internacional, em geral.

Ora, se a Paz no Afeganistão constitui um bem a nível global, devem ser encetados todos os esforços para se alcançar o mais rápido e consolidadamente possível a tão almejada situação e paz.

¹¹ Speech on ‘The future of Peace Operations’ by NATO Secretary General Anders Fogh Rasmussen at the University of Edinburgh, Novembro de 2009, in www.nato.int (11-06-10)

Com efeito, se as mulheres ao serem incluídas nos processo de manutenção de paz facilitam o seu alcance e se esse alcance é desejado pelo mundo inteiro, de que estamos à espera? O que nos impede de avançar?

O problema aqui poderá levantar-se, não do ponto de vista da Comunidade Internacional, mas sim da comunidade afegã. Pois, se por um lado, a cultura e valores afegãos confinam o espaço da mulher ao lar e se é assim que a comunidade afegã encara o papel das mulheres, , assim sendo, é de esperar que a comunidade afegã poderá não encararem o envolvimento de mulheres exteriores ao seu país numa atitude pró-activa nas operações de paz. Por outro lado, sabemos já que tal envolvimento, só poderá ser vantajoso, porquanto face a esta visão das mulheres da cultura afegã, mais facilmente uma mulher afegã se relacionará com uma mulher das missões de operações de paz, do que com um homem dessas mesmas missões.

Aquilo que à partida poderia ser um ponto de conflito, considerando o que acaba de ser dito, parece mais ser um ponto de convergência. Isto é, apesar dos Afegãos serem bastante renitentes quanto à participação activa das mulheres na vida pública, vimos já que tal situação, do ponto de vista das operações, facilita o alcance do sucesso da missão – a Paz. Logo, parece claro que a relevância das mulheres nos processos de manutenção de paz, e especificamente no caso do processo de manutenção de paz no Afeganistão, é determinante para o sucesso das missões e, por consequência, para a Paz e Segurança mundiais.

“I’d sum up the stereotyped and prejudiced way people saw security like this: NATO does war. The United Nations does peace. The European Union dishes out cash. The Non Governmental Organisations, the NGOs, do their own thing. And none of them needs the others, or needs to cooperate together. I know I’m exaggerating, but just a little. And these attitudes remain very strong. There are many in the United Nations who are suspicious of NATO. Many NGOs on the ground keep their distance from the military, because they worry that

cooperating with people in uniform will compromise their impartiality in the eyes of those they are trying to help.”¹²

Com o que acaba de se ler, percebe-se que o problema é muito mais vasto do que a questão do género. A equidade de género só poderá beneficiar as operações de paz. Como vimos, a visão que a Comunidade Internacional tem, em geral, sobre o relacionamento das várias instituições nestas questões da guerra e da paz, nem sempre é a melhor. A própria interacção entre instituições, governamentais e não governamentais, nem sempre se afigura fácil e pacífica, devido aos vários interesses políticos, hierárquicos, entre outros, existentes. Ora, se nem a própria Comunidade Internacional confia plenamente nas suas acções, como poderemos querer que o povo Afegão, com a sua singularidade própria, o faça?

Voltemos ao que disse o Secretário-Geral da NATO, Anders Fogh Rasmussen na Universidade de Edimburgo: *“Again, look at Afghanistan. To ensure that Afghanistan is strong enough to resist terrorism, we can’t just hunt and kill individual terrorists in the mountains. The Afghan people have to reject terrorism themselves; by being able to fight it themselves, but also because their own Government offers them something better. Better quality of life; justice; education; and health care. And, of course, security. Soldiers, alone, can’t provide these things. That’s not their job. But the civilians, in Government and NGOs, can’t do their work if they aren’t safe. And sadly, the days when being a United Nations worker was sufficient to protect you are behind us. Look at the Taliban attack on the United Nations in Kabul two weeks ago that left five United Nations’ staff dead. Afghanistan makes it very clear that a comprehensive approach – a truly joined up civilian and military effort - is the only way we will succeed.”¹³*

Na verdade, é necessário o envolvimento de todos para que se obtenha o sucesso desejado. As forças militares devem actuar no sentido de manter e

¹² Speech on ‘The future of Peace Operations’ by NATO Secretary General Anders Fogh Rasmussen at the University of Edinburgh, Novembro 2009, in www.nato.int (11-06-10)

¹³ Speech on ‘The future of Peace Operations’ by NATO Secretary General Anders Fogh Rasmussen at the University of Edinburgh, Novembro 2009, in www.nato.int (11-06-10)

garantir a segurança. As instituições governamentais e não governamentais, devem trabalhar com intuito de devolver àquelas pessoas a qualidade de vida, que perderam com a guerra. Este é sem dúvida um trabalho de cooperação e colaboração, no qual as mulheres podem (e devem) intervir activamente com todo o seu potencial. Primeiro porque as mulheres, por serem naturalmente mães e educadoras, mais facilmente transmitirão às mulheres afegãs a confiança e conhecimentos necessários para o restabelecimento da normalidade social. Segundo, porque as mulheres, por se revelarem mais afáveis e relacionais, permitem uma abordagem militar menos severa e mais consciente de que a missão é de paz e de que aquelas pessoas estão cansadas de sofrer com a guerra, precisando apenas que as ajudem. Finalmente, porque a Comunidade Internacional, abrangendo todas as organizações e instituições presentes no Teatro de Operações, deve considerar a cultura, os valores e a forma de estar daquelas pessoas, e ao incluir mais mulheres nas suas missões, garante uma maior complementaridade e abrangência das suas equipas, possibilitando um maior sucesso das mesmas.

Terminemos esta reflexão com mais algumas das sábias palavras do Secretário-Geral da NATO, Anders Fogh Rasmussen: *“The point is, all of these elements need to work together. To reinforce each other, not just work side by side in the same space. That is the Comprehensive Approach. Now, the theory makes sense. The problem is in the practice. Each player, military and civilian, operates within its own stovepipe, at its own pace, and with its own bureaucratic structures and working methods. And so the combined impact of our efforts remains much less than what it could be, and should be. So, how do we strengthen civil-military cooperation? How do we develop strong permanent relationships between all major institutions and NGOs? How do we deliver a truly effective Comprehensive Approach? (...) We need to strengthen the role of women in the prevention and resolution of conflict. Women and children are those who are most adversely affected by armed conflict. But this also means that women have most to gain from reconciliation and conflict-prevention. And since women play a key role in maintaining their families, they focus on the*

*basic services that are essential for a society to function. Women also play a crucial role in children's education. So they are key to preventing conflicts of the past from being transferred to the next generation. At NATO, we have started to look at the role of women in conflict resolution and peace-building in a comprehensive way. This is not just a matter of developing policy guidelines and specific education and training programmes. We are also keen to take account of women's perspectives and needs in the development and implementation of post-conflict strategies, and as part of this new approach, two gender advisers are currently deploying into our headquarters in Kabul. Out in the field in Afghanistan, the United States, in particular, has made very innovative use of specialist women teams, and with considerable success. They are able to search women at check points without causing offence; they run medical clinics; and they are far more successful than men at establishing the mutual trust that is necessary in countering an insurgency."*¹⁴

¹⁴ Speech on 'The future of Peace Operations' by NATO Secretary General Anders Fogh Rasmussen at the University of Edinburgh, Novembro de 2009, in www.nato.int (11-06-10)

¹⁴ Speech on 'The future of Peace Operations' by NATO Secretary General Anders Fogh Rasmussen at the University of Edinburgh, Novembro 2009, in www.nato.int (11-06-10)

4. IMPORTÂNCIA DO PAPEL DAS MULHERES NO SUCESSO DAS OPERAÇÕES DE MANUTENÇÃO DE PAZ

“This Resolution recognizes the need to take account of the impact of war on the female population, as well as the need for women to play a larger role in peacekeeping and peace support operations.”¹⁵

A questão do género tem especial relevância em contextos de guerra e pós-guerra, pois é do conhecimento geral que os conflitos armados têm impactos diversos nos homens e nas mulheres, tendo em conta as suas responsabilidades, actuações e estatutos na sociedade em que ocorrem. Além do mais, no contexto bélico e pós-bélico as adversidades são enormes, sendo que o respeito pelos direitos humanos é muitas vezes escasso, sendo as mulheres e as crianças quem mais sofre.

Na história, os Direitos Humanos relativos às Mulheres têm sido alvo de um sem fim de violações e discriminações ao longo de anos e anos. Muitas e muitas vezes as Mulheres têm sido esquecidas e discriminadas. Têm visto os seus direitos serem constantemente violados e desrespeitados. Tal facto, em cenários de conflito e pós-conflito agudiza-se fortemente, produzindo resultados devastadores na vida destas Mulheres e Meninas, que raramente podem contar com o apoio de que necessitam.

“Historicamente, as mulheres são vítimas de violência sexual nos períodos de guerra. Especialmente em conflitos étnicos, religiosos ou baseados na identidade das comunidades, as mulheres são vistas como alvos "lícitos". Os seus corpos fazem parte do campo de batalha. Quando as mulheres representam a honra de uma comunidade, a sua violação e gravidez forçada são formas de atingir e destruir essa comunidade. As mulheres são, também, consideradas despojos de guerra para os vencedores.”¹⁶

¹⁵ *Promoting gender balance in NATO forces, in www.nato.int (31-05-10)*

¹⁶ <http://www.inde.pt/spip.php?article169>, (13-06-10)

Até há bem pouco tempo, os assuntos relacionados com as questões das Mulheres e da Paz não eram temas prioritários. Não eram assuntos que demorassem as discussões da política Internacional, permitindo que durante as últimas dezenas de anos fossem cometidas atrocidades contra as Mulheres, sem que sequer disso se desse conta na Comunidade Internacional.

Foi com a Comissão das Nações Unidas para o Estatuto das mulheres (*CSW – commission of statuts for women*), em 1947, que esta questão entrou para a agenda de discussão. Mas a luta pela inclusão do tema dos direitos das mulheres nas políticas internacionais tem contado com uma série de entraves e barreiras. Assim, só em 1975, na Conferência das Nações Unidas sobre as Mulheres, que ocorreu no México, se concluiu, pela primeira vez que nos contextos de conflitos armados, mulheres e crianças eram as mais atingidas, e as que de mais protecção necessitavam. Ainda nessa Conferência, ficou patente a importância de incluir as Mulheres nos processos de paz. Entre 1975 e 1985, os temas referentes às mulheres, igualdade, desenvolvimento e paz estiveram sempre em cima da mesa, servindo de mote a várias iniciativas no seio da Comunidade e Políticas Internacionais¹⁷.

Foi assim que começou a focalizar-se a relevância do tema ‘mulheres, paz e segurança’, resultando na Conferência de Nairobi (1985). Na década seguinte, as Nações Unidas passaram a tomar mais em atenção tudo quanto se relacionava com o impacto dos conflitos armados na vida das mulheres. Em consequência desta tomada de consciência, a DAW (*Division for the Advancement of Women*) e a UNESCO desenvolveram uma série de medidas que pudessem garantir que a questão da paz, das preocupações e expectativas das mulheres figurassem no discurso político do chamado Processo de Pequim.

É, então, devido a esta sucessão de acontecimentos e diligências que as Nações Unidas começaram a olhar para as mulheres, não apenas enquanto vítimas, mas também como elementos essenciais na tomada de decisões. Nesta sequência, é criado o Projecto da UNESCO “Mulheres e Cultura de Paz”,

¹⁷ Tatiana Moura, Mulheres e Consolidação da Paz.

em 1996, tendo como base o pressuposto da igualdade entre homens e mulheres, assim entendido como essencial para a criação de uma cultura de paz sólida e coerente.¹⁸

Um passo deveras importante, consistiu na aprovação da Declaração sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra as Mulheres, em 1993, na qual se passou a ler que as Mulheres constituem um grupo particularmente vulnerável, sobretudo em situação de conflitos armados.

Um outro marco a destacar prende-se com a consagração da violação e da violência sexual, em tempo de guerra, como crimes contra a Humanidade, facto que ocorreu em 1998.

Por motivo da comemoração do Dia Internacional da Mulher, em 8 de Março de 2000, o Conselho de Segurança das Nações Unidas emite um comunicado em que declara, pela primeira vez, os contributos prestados pelas mulheres nos processos de construção de paz, salientando que “O acesso igual e a plena participação de mulheres nas estruturas de poder e seu pleno desenvolvimento em todos os esforços para a prevenção e resolução de conflitos são essenciais para a manutenção e promoção de paz e segurança”¹⁹. Ainda a propósito desta ocasião, pode ler-se no mesmo artigo que “Para que a paz crie raízes, a responsabilidade da sua construção e manutenção não deve ser suportada por um único sector da sociedade. É imperativo incluir e ter em conta as vozes dos sectores da sociedade que não combatem mas que são forçados a suportar as consequências do conflito armado. As mulheres têm o direito incontestável de estar presentes”²⁰, “As mulheres não só têm o direito de estar no centro desta agenda, mas, em função do seu papel familiar no período pós-guerra, são geralmente a chave para a reconstrução da paz. Excluí-las e ignorá-las não só corresponde ao afastamento de vastos sectores da sociedade, como também

¹⁸ Tatiana Moura, Mulheres e Consolidação da Paz

¹⁹ <http://www.inde.pt/spip.php?article169>, (13-06-10)

²⁰ <http://www.inde.pt/spip.php?article169>, (13-06-10)

significa a perda de importantes recursos e entendimentos das mais críticas necessidades sociais e económicas.”²¹.

Ainda no ano de 2000, ocorreram outras três iniciativas, da responsabilidade das Nações Unidas, dignas de destaque: em Maio, decorreu o seminário “*Mainstreaming a Gender Perspective in Multidimensional Peace Support Operations*”, organizado pelo Departamento de Operações de Manutenção de Paz das Nações Unidas, em que se assumiu o compromisso e a necessidade de adoptar e assegurar a igualdade de género em todos os processos de paz; em Junho, realizou-se a 23ª Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas, na qual ressaltou a necessidade de incluir as mulheres em todos os níveis de tomada de decisão nos processos de manutenção e consolidação de paz; a 31 de Outubro, foi adoptada a Resolução 1325, sobre Mulheres, Paz, Segurança e Direitos Humanos, na qual se reforçou a necessidade de adopção da perspectiva do género em todos os processos de prevenção e resolução de conflitos, de consolidação e manutenção e paz, bem como de reconstrução de sociedades levadas a cabo pelas Nações Unidas.²²

Em 02 de Junho de 2008, o Secretário-Geral da NATO, Jaap de Hoop Scheffer, na abertura da ‘*Annual Conference on Women in NATO HQ*’, manifestou que é essencial a NATO ser uma organização aberta, transparente e moderna, devendo reconhecer e promover a questão do género, reforçando a ideia de que “*It is essential that we benefit from the energy and talents of our entire populations, not just one half (...) the resolution calls for full and equal female participation at all levels (...) and it recognizes women advocates for peace. And that is exactly how I view our NATO forces – including the women within them – as advocate for peace.*”²³

Quase um ano depois, em Maio de 2009, o Secretário-Geral das Nações Unidas, *Ban Ki-moon*, afirmou que a inclusão de mulheres nos processos de

²¹ <http://www.inde.pt/spip.php?article169>, (13-06-10)

²² Tatiana Moura, Mulheres e Consolidação da Paz.

²³ Opening remarks by NATO Secretary General, Jaap de Hoop Scheffer, at the Annual Conference on Women in NATO HQ, www.nato.int (11-06-10).

paz constitui uma das principais prioridades daquela organização, acrescentando que cada vez mais se demonstra que a presença das mulheres melhora a qualidade dos acordos, assim como a sua implementação. Postulou ainda que, em situações de pós-conflito, a contribuição das mulheres poderá ter um efeito decisivo na reconstrução das comunidades. Por esta ocasião, o Conselho de Segurança das NU expressou a sua preocupação pelo diminuto número de mulheres que integram os processos de paz, reforçando Inês Alberdi, do Fundo de Desenvolvimento da ONU para as mulheres, que apenas 10% dos participantes em negociações formais de paz são mulheres.²⁴

É neste contexto que as Mulheres começam a assumir um papel mais preponderante nos processos de reconstrução de paz. Começa a assumir-se que durante e após os conflitos, a intervenção das Mulheres na preservação da ordem social, na educação das famílias e sociedades, na promoção de uma cultura de paz nas comunidades e sociedades devastadas por conflitos, é determinante e essencial.

Actualmente, a Comunidade Internacional crê que o Papel das Mulheres nos processos de paz é imprescindível. E de facto assim é. Esta relevância assume-se em várias dimensões.

Num Estudo²⁵ feito nas Nações Unidas, em 2006, sobre a questão do género nas forças militares e policiais, em missões de paz, concluiu-se que a participação das mulheres (militares e polícias) nos processos de paz é necessária porquanto: as mulheres tendem a entender melhor e ser mais sensíveis às necessidades da população local feminina, em que estão a decorrer as operações, assim como, as mulheres da comunidade em processo de construção de paz se sentem mais à vontade para comunicar com outra mulher (do que com um homem); mulheres e meninas que tenham sido vítimas de abusos sexuais, mais facilmente relatam essa situação a outra mulher; as mulheres (militares e polícias) tendem a ser mais convincentes em combate;

²⁴ <http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/detail/170729.html>, (13-06-10)

²⁵ Gender Balance in Military and Police Services Deployed to UN Peacekeeping Missions, Police Dialogue, 28-29 March 2006, UN, BOX 3

por razões de segurança, é mais fácil serem mulheres militares a procurar as mulheres locais; a presença de mulheres tem-se revelado muito positiva na prevenção de cometimento de crimes sexuais a mulheres e crianças locais, por parte de militares (homens).

Neste recolha de informação junto das operações de paz, verificou-se também que a presença de mulheres no decorrer destes processos mostra-se igualmente positiva pelo facto de conseguir implementar-se um melhor ambiente de trabalho, camaradagem e relacionamento nas unidades que possuem elementos femininos, assim como se atinge um maior nível de proficiência na comunicação, observação, patrulha e assistência médica, alcançando-se, por isso, um melhor e mais rápido resultado no sucesso da missão que ali os leva.

Da mesma forma, nas comunidades em que se está a trabalhar na reconstrução da paz, a existência de mulheres, de natureza menos autoritária e com métodos de aproximação mais relacionais, facilita a interligação e a comunicação entre os locais e as forças, facilitando, obviamente, o êxito dos objectivos estabelecidos (Brock-Utne, 2000).

Na maioria das organizações das NU, o equilíbrio do género é entendido ainda como uma questão de igualdade das mulheres no emprego! Também muitos governos internos, apenas direccionam as suas políticas de género no sentido de ‘facultar’ mais número de empregos a mulheres. “Uma das características ou consequências do discurso da vulnerabilidade e dos silêncios mantidos pela construção do sistema de guerra é a ausência de análises sobre a presença e os papéis das mulheres nas forças militares.”²⁶ Mas a questão da igualdade de género vai muito além deste entendimento.

Nos campos de operações, a presença militar feminina tem tido, sem dúvida, um enorme impacto operacional, sobretudo em termos humanitários e de

²⁶ Moura, Tatiana, *Entre Atenas e Esparta – Mulheres, paz e conflitos armados*, 2005, Quarteto Editora, p. 91.

direitos humanos. Há quem considere que a presença de mulheres nos campos de operações confere uma lado mais Humano às missões em curso.²⁷

Nas palavras de *Anders Fogh Rasmussen*²⁸, a NATO por com ele concordar, tem vindo a seguir o “*Code of Behavior for all NATO military personnel*”, o que tem permitido aumentar significativamente o número de mulheres no staff da NATO, assim como se tem debruçado cuidadosamente sobre o estudo da questão do género com vista ao sucesso no Teatro de Operações, nomeadamente no caso do Afeganistão. No entanto, reconhece e desafia para a necessidade de se alcançarem três objectivos neste âmbito: 1) saber usar bem o potencial que as mulheres podem trazer ao sucesso das operações de paz, referenciando o caso do Afeganistão, que tem permitido melhorar a eficácia das missões, na protecção da população civil e na protecção da própria força; 2) trabalhar pro-activamente no desenvolvimento das capacidades, no planeamento e treino das operações relativamente às questões do género, lembrando que as forças militares constituem apenas uma parte das respostas de segurança (actualmente no Afeganistão, as operações de manutenção de paz prendem-se mais por acções de ajuda humanitária, desenvolvimento económico e desenvolvimento das instituições governamentais) e que se revela insuficiente, nestas matérias, apostar apenas o aumento do número de militares femininos; e 3) garantir a cooperação e coordenação entre as várias instituições internacionais, nos assuntos relacionados com as mulheres, a paz e a segurança.

Anders Fogh Rasmussen salientou ainda, na mesma intervenção, que “*Greater empowerment and more effective protection of women against the specific dangers they face in armed conflicts is of benefit not only to women, but to all of*

²⁷ Gender Balance in Military and Police Services Deployed to UN Peacekeeping Missions, Police Dialogue, 28-29 March 2006, UN, p. 15

²⁸ Speech on ‘Empowering Women in Peace and Security’ by NATO Secretary General Anders Fogh Rasmussen at the European Commission, in www.nato.int (11-06-10)

*us. It is, to my mind, a crucial component of a comprehensive approach to the security challenges of the 21st century.*²⁹

No mesmo sentido, Angela Aaron³⁰, militar feminina que integra a ISAF (*International Security and Assistance Force*), afirmou que apesar de em algumas forças as mulheres não estarem envolvidas directamente no combate, elas estão preparadas para isso, o que poderá permitir uma influência muito positiva no caso do Afeganistão.

A verdade é que, em diversas situações, as mulheres poderão ter um impacto junto da comunidade que jamais os homens alcançarão – referindo-nos ao caso do Afeganistão, em que a cultura e a religião, demasiado vincadas naquela região, não permitirão um alcance dos objectivos de *peacekeeping* sem a permanência de mulheres nestes processos de paz. Pois “...*women and women’s organizations sustained and developed local cultures of peace against considerable opposition in highly militarized and sharply polarized communities.*”³¹

Numa região com a conjuntura actual como a do Afeganistão, as pessoas, designadamente as mulheres, continuam a sofrer diariamente. Num relatório da *Human Rights Watch*³² demonstrou-se que um *continuum* de abusos de direitos humanos, continuam a ser levados a cabo pelos “senhores da guerra” por todo o território, mas sobretudo no Sudeste Afegão. De acordo com o mesmo relatório, tais abusos consubstanciam-se na prática de crimes violentos, em ataques governamentais a instituições políticas e em violações de direitos humanos de mulheres e raparigas. Mais uma vez, é-nos dado conta do desrespeito constante pelos direitos das mulheres.

²⁹ Speech on ‘Empowering Women in Peace and Security’ by NATO Secretary General Anders Fogh Rasmussen at the European Commission, (data), in www.nato.int (11-06-10)

³⁰ Army Sergeant, Angela Aaron, ISAF, USA element, in www.nato.int

³¹ Oliver Ramsbotham, Tom Woodhouse and Hugh Miall, 2003, *Contemporary Conflict Resolution*, Polity Press, p. 269.

³² LORENA, Sofia, 2004, Afeganistão pós-“taliban”: entre o medo e a esperança, in www.janusonline.pt (17-06-10)

Uma das motivações da Guerra de Bush consistia na libertação das mulheres afegãs, um objectivo claramente falhado. A insegurança, a violência sexual e a opressão continuam bem patentes no quotidiano afegão.³³

Mas alguns esforços vão sendo feitos. Exemplo disso é a iniciativa que promoveu a visita de 13 mulheres oficiais afegãs à Nato entre 28 de Fevereiro de 2007 e 1 de Março do mesmo ano, revelando-se um esforço sério de integração as mulheres afegãs em todos os níveis da sociedade.³⁴

Porém, apesar destas inúmeras iniciativas no seio da Comunidade Internacional, que tendem a valorizar a relevância do papel das mulheres no contexto dos processos de operações de paz, a realidade mostra-nos um mundo bem diferente! Muito há ainda a fazer para consolidar a importância do papel das mulheres em sede de processos de manutenção de paz. Continuamos a ter notícias e informações reveladoras quer da violação constante dos direitos humanos das mulheres, quer da fraca acessibilidade de mulheres em processos de paz, bem como na tomada de decisões desses processos.

³³ http://www.democracynow.org/2004/4/22/the_other_war_a_look_at (31-05-10).

³⁴ www.nato.int (31-05-10)

Exemplo do que se disse é o facto de 80% dos refugiados e deslocados internos no mundo serem mulheres; 81.5% da população feminina no Afeganistão não têm uma educação formal; 74% das meninas afegãs saem da escola após frequência do quinto ano de escolaridade; dessas meninas, apenas 1% vem de meios rurais; os crimes de violência sexual e violação, durante os conflitos, continuam a ser praticados contra as mulheres.^{35 36}

Não obstante, é um facto que a mulher e o seu papel nos processos de manutenção de paz é hoje um assunto sem retorno. É determinante para o sucesso de qualquer missão a presença de mulheres, civis e militares, nas mais diversas áreas e beneficiando todo o seu potencial.

³⁵ <http://www.women.org/global-initiatives-helping-women/help-women-afghanistan.php>

³⁶ Mulheres construindo a paz, in <http://www.inde.pt/spip.php?article169> (05-06-10)

5. APOIO ESPECÍFICO, CONDIÇÕES, INCENTIVOS... PARA AS MULHERES ADERIREM A ESTES PROJECTOS

"We must empower women and confront victimisation if we are to deal successfully with the security challenges of the 21st century."

The NATO Secretary General in the Conference Women, Peace and Security in Brussels³⁷

No âmbito deste capítulo, cumpre agora explicar com que apoio contam as mulheres, civis ou militares, que integram os processos de manutenção de paz e de que forma esses mecanismos podem incentivar outras mulheres a abraçar estas causas.

Com base no estudo feito pelas Nações Unidas, em 2006³⁸, já anteriormente referido, conseguimos observar que as mulheres militares enfrentam ainda graves problemas quanto a apoio específico de que necessitam. São, por conseguinte, ainda bastante deficitárias as condições que as forças armadas e a NATO proporcionam às mulheres militares, sendo tal situação impeditiva de mais mulheres se disporem a integrar as forças militares de apoio à paz.

De entre várias falhas encontradas, importa salientar que em muitos casos as militares femininas não possuem instalações condignas, no que se relaciona com o alojamento e, sobretudo, no que se refere às instalações sanitárias. Sabemos também, por exemplo, que dos países abrangidos no estudo, apenas 23% assumiu ter roupa especial para mulheres³⁹.

Revelador da falta de incentivos para as mulheres aderirem fortemente na integração destas missões, é igualmente o facto de nenhum país, dos que foram alvo do Estudo, ter identificado nenhum critério especial, nem nenhuma

³⁷ www.nato.int (03-06-10).

³⁸ Gender Balance in Military and Police Services Deployed to UN Peacekeeping Missions, Police Dialogue, 28-29 March 2006, UN

³⁹ Gender Balance in Military and Police Services Deployed to UN Peacekeeping Missions, Police Dialogue, 28-29 March 2006, UN, p. 12

característica específica do ponto de vista físico para que as mulheres possam entrar nas forças armadas e nas polícias.⁴⁰

Também no que se relaciona com o treino adequado e específico para mulheres militares e polícias nos Teatros de Operações de Apoio à Paz, verifica-se a necessidade de melhorias e adaptações. Entende-se que o treino existente revela-se insuficiente para as qualificar para DPKO. Na verdade, revela-se ser fundamental implementar medidas especiais para cativar as mulheres, sobretudo no tiro, no tipo de linguagem/discurso, na condução e estabelecendo standards físicos diferenciados para homens e mulheres.

A esse propósito, Anders Fogh Rasmussen⁴¹ entende haver carência de treino específico direccionado para a questão do género, assim como defende a existência de mais intérpretes femininos e mais mulheres-soldado.

Um outro aspecto extremamente relevante e que é normalmente esquecido, prende-se com o apoio psicológico. Durante e após a permanência em Teatros de Operações, deve ser prestado o apoio psicológico adequado. É difícil lidar com realidades tão distantes e cruéis como as que os elementos (femininos e masculinos) das forças enfrentam. Por conseguinte, é determinante o seu acompanhamento por técnicos qualificados, que os ajudem a lidar com as vivências, muitas delas traumatizantes, por que passaram.

Ainda no campo dos incentivos, demonstrou-se no referido estudo que como forma de encorajamento das mulheres para as forças armadas e polícia, deve implementar-se as quotas (devendo reservar-se um certo número de vagas dos contingentes para as mulheres); promover-se treino especializado para mulheres; determinar-se um conjunto de *guidelines* para o recrutamento; quando em missão, deve permitir-se a sua ida a casa.

⁴⁰ Gender Balance in Military and Police Services Deployed to UN Peacekeeping Missions, Police Dialogue, 28-29 March 2006, UN

⁴¹ Speech on 'Empowering Women in Peace and Security' by NATO Secretary General Anders Fogh Rasmussen at the European Commission, in www.nato.int (11-06-10)

É fulcral, ainda, promover um ambiente saudável de trabalho, para que as mulheres se sintam bem nos Teatros de Operações, pois como já vimos, a presença de mulheres nas operações desencoraja a prática de crimes e de abusos sexuais, bem como diminui o estereótipo da mulher nessa área.

Identicamente, revela-se indispensável serem atribuídas às mulheres todos os tipos de funções, desde líderes a funções de execução. Afastando-se a tendência para colocar as mulheres militares apenas em trabalhos específicos, em áreas mais sensíveis – como género.

Se associarmos todos estes condicionalismos à adversidade própria dos Teatros de Operações, em concreto do Afeganistão, percebemos claramente que se encontra bastante condicionado o aumento de mulheres, tão determinante à obtenção da Paz mundial.

Deve, com efeito, promover-se uma política activa e visível, por forma a incluir uma perspectiva de género em todas as políticas e programas relacionados com os conflitos armados. Só assim será possível levar a cabo o processo de remoção de barreiras do emprego de mulheres nas forças armadas e polícia, que tem sido muito complexo, contando até aqui com inúmeras barreiras e entraves.

6. CONCLUSÃO

“There is a strong need to bring women to the forefront and empower them to engage in transatlantic issues”

Dr. Stefanie Bast⁴²

É inevitável concluir que, actualmente, as mulheres detêm um papel preponderante em sede de processos de manutenção de paz. É determinante a sua presença nos Teatros de Operações. A sua intervenção em territórios como o Afeganistão facilita e auxilia no alcance do objectivo determinado - a Paz -, é um facto. Por conseguinte, e tendo em conta que se assiste actualmente a uma consciencialização da Comunidade Internacional do papel das mulheres neste âmbito, não se pode perder este rumo, devendo-se concentrar todos os esforços possíveis, com vista a garantir uma presença substancial de mulheres nos processos de paz.

“...the experiences, roles and transformative influence of women in challenging cultures of violence and constituencies of war has come an increasingly powerful conceptual assault on ungendered assumptions in conflict resolutions.”⁴³

As características próprias da mulher constituem uma mais valia no desenrolar das operações, em territórios tão adversos como o Afeganistão. Um país com factores religiosos e étnicos tão vincados, necessita de uma abordagem que tenha em conta os seus valores e culturas. Ora, ninguém melhor do que as mulheres, poderá actuar neste sentido, com as suas capacidades e características próprias. As mulheres são essenciais no relacionamento com as populações locais, compreendendo os seus medos e angústias e proporcionando um maior conforto às vítimas da guerra.

⁴² Dr. Stefanie Bast, Deputy Assistant Secretary General for Public Diplomacy Strategy, in speaking of Female opinion leaders visit NATO, in www.nato.int (31-05-10)

⁴³ Oliver Tom Woodhouse and Hugh Miall, 2003, *Contemporary Conflict Resolution*, Polity Press, p. 270.

Porém, apesar desta consciencialização, é longo o caminho para encontrar a conjuntura necessária ao equilíbrio do género bem como de proporcionar às mulheres as condições adequadas a incentivar a sua participação em missões de paz.

Ao nível do planeamento e da programação, inexistente ainda uma actuação concertada que garanta a realização das necessidades específicas das mulheres. É, por isso, essencial implementar medidas que contribuam para incentivar mais mulheres a integrar estas causas. É basilar que sejam acautelados determinados factores, de forma que se proporcionem as condições desejáveis, para se poder prestar o apoio necessário às populações que sofreram com a guerra e que necessitam da ajuda internacional.

Quanto à população feminina do território em reconstrução, é fundamental que se garanta e se concretize o respeito pelos direitos humanos. O que muitas vezes, como vimos, tem sido descurado.

No que se refere às mulheres, civis ou militares, que integram os processo de paz, deve haver a preocupação de as integrar em todos os níveis de actuação, da tomada de decisão à execução, da liderança ao apoio, considerando sempre o seu potencial, e beneficiando dele o mais possível.

E jamais nos poderemos esquecer, no entanto, que “..*that is the idea that we must understand that we live in a social space which reaches into the past and into the future: ‘it is our space, one that we can move around directly in our own lives and indirectly by touching the lives of the young and old us’...*”⁴⁴

Na verdade, está aberto o caminho para a realização dos direitos humanos das mulheres – das mulheres vítimas e das mulheres cooperantes da paz!

⁴⁴ Oliver Ramsbiatham, Tom Woodhouse and Hugh Miall, 2003, *Contemporary Conflict Resolution*, Polity Press, p. 267.

7. BIBLIOGRAFIA

- **Almeida, J.M. de**, *Choque das Civilizações e o 11 de Setembro*, 2004, Instituto Português de Relações Internacionais/ UNL, <http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=5&ida=31>, (15-06-10).
- **Baptista, Paulo Luís Antunes**, *Afeganistão – Uma análise geopolítica: reflexões sobre questões da Paz e da Guerra*, 2006, Revista Militar, <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=71> (15-06-10).
- **Bosco, D.**, 2005, *Afghan Poppycock: Hamid Karzai's halfhearted jihad*, *Slate Magazine*, May 18, 2005, <http://slate.msn.com/id/2118915/> (15-06-10).
- **Brock-Utne, Birgit** (2000) An analysis of Peace and Development Studies as well as peace education from feminist perspective, presented at a joint session between the Peace Education Commission and the Women and Peace Commission, at the 18th General IPRA Conference, Tampere, Finland, 5-9 August 2000.
- **Carricho, M.A.**, 2004, *Os Novos Desafios Político-Militares da NATO no Afeganistão*, *Revista Militar*, N.º 11 (Novembro 2004)
- **Deniz Kandiyoti**, *Gender in Afghanistan: pragmatic activism*, November 2009, in <http://www.opendemocray.net/deniz-kandiyoti/gender-in-afghanistan-pragmatic-activism>, (20-06-10)
- *Gender Balance in Military and Police Services Deployed to UN Peacekeeping Missions*, *Police Dialogue*, 28-29 March 2006, UN, in www.un.org/ (08-06-10)
- *Gender dimensions of displacement*, in <http://www.fmreview.org/FMRpdfs/FMR09/fmr9.5.pdf> (20-06-10)
- *GENDER IN E-TVET: EXTENT OF WOMEN'S PARTICIPATION AND PROPOSED* , in www.mol.gov.jo/Portals/.../GENDER%20IN%20E-TVET.doc.pdf (20-06-10)
- *GENDER IN SECTORWIDE DEVELOPMENT POLICIES AND PROGRAMS*, in <http://www.oecd.org/dataoecd/48/14/1960655.pdf> (31-06-10)

- **GENDER MAINSTREAMING**, in <http://www.un.org/womenwatch/daw/csw/GMS.pdf> (20-06-10)
- **GENDER TRAINING FOR PEACEKEEPERS: Preliminary overview of United Nations peace support operations**, in http://www.peacewomen.org/assets/file/Resources/UN/un-instraw_gendertrainingpk_2007.pdf (20-06-10)
- <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/5380.htm> (13-06-2010).
- **Institute of International Education, Departmente of Education, Stockholm University**, *An Afghan Dilemma: Education, Gender and Globalisation in an Islamic Context*, 2007, in <http://www.afghanconflictmonitor.org/2007/11/an-afghan-dilem.html> (20-06-10)
- **International Alert**, *Gender Mainstreaming in Peace Support Operations: moving beyond rhetoric to practice*, July 2002, in [http://www.international-alert.org/pdfs/Gender Mainstreaming in PSO Beyond Rhetoric to Practice.pdf](http://www.international-alert.org/pdfs/Gender_Mainstreaming_in_PSO_Beyond_Rhetoric_to_Practice.pdf) (20-06-10)
- **Jannette Boehme**, *Human Rights and Gender Components of UN and EU Peace Operations, Putting Human Rights and Gender Mandates into Practice*, German Institute of Human Rights, October 2008, in http://www.humansecuritygateway.info/documents/GIHR_GenderHumanRights_UN-EUPeaceOperations.pdf (20-06-10)
- **Lorena, S.**, 2004, *Afeganistão pós-"taliban": entre o medo e a esperança, Janus 2004: Anuário de Relações Exteriores*, Lisboa: Edição Observatório de Relações Exteriores da UAL; Público (Dez 2003): 10-11.
- **Lewis, Jone Jonhson**, *Enciclopedy of Women's History*, http://womenshistory.about.com/library/ency/blwh_aghanistan_gender_roles.htm
- **Mark Duffield** *Global Governance and the New Wars: The Merging of Development and Security*, Zed Books, London, 2001
- **Michael W. Doyle and Nicholas Sambanis Princeton**, *United Nations Peace Operations, Making War & Building Peace*, NJ: Princeton University Press, 2006
- **Moura, Tatiana**, *Entre Atenas e Esparta – Mulheres, paz e conflitos armados*, 2005, Quarteto Editora

- **Oliver Ramsbotham, Tom Woodhouse and Hugh Miall**, 2003, *Contemporary Conflict Resolution*, Polity Press, p. 265-274.
- **Pearson Peacekeeping Centre**, *Seminar Report: Women in Peace Operations*, Zambia, October 2009, in <http://www.peaceoperations.org/> (20-06-10)
- **Peter Wallensteen**, *Understanding Conflict Resolution, War, Peace and the Global System*, Sage Publications Ltd, 2002
- **POLICY DIALOGUE TO REVIEW STRATEGIES FOR ENHANCING GENDER BALANCE AMONG UNIFORMED PERSONNEL IN PEACEKEEPING MISSIONS** New York, 28-29 March 2006, in http://www.un.org/womenwatch/ianwge/taskforces/wps/Final%20Report%20TC%20PCC%20Policy%20Dialouge%20_English.pdf (20-06-10)
- **Pureza, J.M.**, *Para uma Cultura da Paz*, 2001, Quarteto Editora.
- **Report of the Secretary- General's High- level Panel on Threats, Challenges and Change**, 2004, *A more secure world: Our shared responsibility*, New York: United Nations.
- **Report of the UN Secretary-General to the General Assembly Security Council**, 2004, *The situation in Afghanistan and its implications for international peace and security*, (A/58/868- S/2004/634), 12th August 2004 <http://www.reliefweb.int/library/documents/2004/unsc-afg-12aug.pdf>(15-06-10).
- **Report of the UN Secretary-General to the General Assembly Security Council**, 2005a, *The situation in Afghanistan and its implications for international peace and security- Emergency international assistance for peace, normalcy and reconstruction of war-stricken Afghanistan*, (A 59/744-S/2005/183), 18 March 2005, http://www.ecoi.net/pub/ds844_03043aze.pdf (15-06-2010).
- **Report of the UN Secretary-General to the General Assembly Security Council**, 2005b, *The situation in Afghanistan and its implications for international peace and security- Emergency international assistance for peace, normalcy and reconstruction of war-stricken Afghanistan*, (A 60/224-S/2005/525), 12th August 2005 <http://daccessdds.un.org/doc/UNDOC/GEN/N05/453/57/PDF/N0545357.pdf?OpenElement> (15-06-2010).

- **Rodrigues, Coronel Jocelino**, *De Coimbra para o Mundo*, Brigada de Intervenção, Maio de 2010, p. 182-244.
- **Rubin, B.R., Ghani, A., Maley, W., Rashid, A. e Roy, O.**, 2001, *Afghanistan: Reconstruction and Peacebuilding in a Regional Framework*, KOFF Peacebuilding Reports, 1/2001, Bern: KOFF (Kompetenzzentrum Friedensfoerderung – Center for Peacebuilding), http://www.swisspeace.org/uploads/koff/reports/1_2001.pdf (13-06-2010).
- **Suhrke, A., Harpviken, K.B. e Strand, A.**, 2004, “Conflictual Peacebuilding: Afghanistan Two Years after Bonn”, Report 2004: 4, PRIO, International Peace Research Institute, Oslo <http://www.cmi.no/publications/2004/rep/r2004-4.pdf> (13-06-2010).
- **Swiss Peace**, 2004, “Semi-annual Risk Assessment, December 2004 to May 2005”, Swisspeace Fast Update, <http://www.reliefweb.int/rw/RWB.NSF/db900SID/EVIU-6E7BVQ?OpenDocument> (16-06-2010).
- **Teles, P.G.**, *A intervenção estrangeira no Afeganistão e o Direito Internacional*, *Janus 2003: Anuário de Relações Exteriores*, Lisboa: Edição Observatório de Relações Exteriores da UAL, in www.janusonline.pt (06-06-10)
- **UNAMA**, 2005, *Afghan Update*, Nº9, July 2005, <http://www.unama-afg.org/news/publications/Afghan%20Update/2005/july05/Afghan%20Update%20-%20July%202005-english.pdf> (15-06-2010).
- *United Nations Peacekeeping Operations*, in http://www.peacekeepingbestpractices.unlb.org/Pbps/Library/Capstone_Doctrine_ENG.pdf (20-06-10)
- *UNSCR 1820: A Roundtable Discussion with Female UN Police Officers Deployed in Peacekeeping Operations*, in <http://www.peaceoperations.org/wp-content/uploads/2010/02/Microsoft-Word-1820-Roundtable-Report- NY-6-Aug-09 -FINAL Feb 3 2010.pdf> (20-06-10)
- **US Department of State**, 2005, “Background Note: Afghanistan”,
- *Women in Combat*, Shirley Sagwa and Nancy Duff Campbell, October 1992, in <http://www.nwlc.org/pdf/Combat.pdf> (20-06-10)

- www.mol.gov.jo/Portals/.../GENDER%20IN%20E-TVET.doc.pdf (20-10-10)

Sites Consultados:

- CMI – Research for Development and Justice - <http://www.cmi.no> (13-06-10)
- Contexto politico - <http://contextopolitico.blogspot.com/2009/02/historia-virtual-guerra-do-afeganistao.html> (08-06-2010)
- Democracia e Politica - <http://democraciapolitica.blogspot.com/2010/06/guerra-do-afeganistao-ja-e-mais-longa.html> (08-06-2010)
- ecoi.net - European Country Of Origin Information Network - <http://www.ecoi.net>(15-06-10)
- Forced Migration Review - <http://www.fmreview.org/> (20-06-10)
- <http://daccessdds.un.org/doc/>(15-06-10)
- Human Security Report Project – Afghanistan Conflict Monitor - <http://www.afghanconflictmonitor.org> (20-06-10)
- Human Security Report Project – Human Security gateway - <http://www.humansecuritygateway.com/> (20-06-10)
- Inde - <http://www.inde.pt/spip.php?article169>, (13-06-10)
- Info Escola, Navegando e aprendendo - <http://www.infoescola.com/historia/guerra-do-afeganistao-1979/>(08-06-2010)
- Instituto Português de Relações Internacionais – Universidade Nova de Lisboa - <http://www.ipri.pt/> (15-06-10)
- International alert - www.international-alert.org/ (20-06-10)
- Kliceducação.com - <http://www.kliceducacao.com.br> (07-06-2010)
- Militarypower.com - <http://www.militarypower.com.br> (08-06-2010)
- Ministry of Labour, The Hashemite Kingdom of Jordan - www.mol.gov.jo , (20-06-10)
- National Women’s Law Center – Expanding the possibilities - <http://www.nwlc.org> (20-06-10)
- North Atlantic Treaty Organization - www.nato.int (11-06-2010)
- Open Democracy, free thinking for the world - <http://www.opendemocray.net> , (20-06-10)
- Peace Women - <http://www.peacewomen.org> (20-06-10)

- Peacekeeping Resource Hub - <http://www.peacekeepingbestpractices.unlb.org> (20-06-10)
- Pearson Peacekeeping Centre - <http://www.peaceoperations.org/> (20-06-10)
- Rádio das Nações Unidas - <http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/detail/170729.html> , (13-06-10)
- Relief Web - <http://www.reliefweb.int> (16-06-10)
- Revista Militar - <http://www.revistamilitar.pt>(09-06-2010)
- Slate - <http://slate.msn.com> (15-06-10)
- Swiss Peace – Knowledge for Peace - <http://www.swisspeace.ch/> (15-06-10)
- United Nations - www.un.org/ (08-06-10)
- United Nations Assistance Mission in Afghanistan - <http://www.unama-afg.org/> (15-06-10)